

PRATICANDO LUTAS NUM “HOSPÍCIO”: A ESCOLA SEM MUROS NO BAIRRO EDUCADOR

Aline Santos do Nascimento
EMEF Presidente Campos Salles – DRE Ipiranga

RESUMO

A partir do mapeamento realizado no interior da escola durante o horário de entrada, percebi que a *cacunda* (brincadeira de subir nas costas do outro e tentar derrubar o oponente) era realizada tanto pelas meninas como pelos meninos e que, ao seu término gerava alguma discussão entre eles. Ao ter meu primeiro contato com os alunos, expliquei como iríamos trabalhar e deferi um tempo propício para que pudessem vivenciar suas práticas rotineiras, ainda, a fim de mapear. Sendo as brincadeiras de luta uma presença constante, decidi iniciar o projeto de lutas com as turmas da 4ª série do ensino Fundamental I na EMEF Presidente Campos Salles. Articulando a avaliação diagnóstica ao PEA denominado *Cidadania uma questão de sobrevivência: Fase II*, fiz a escolha da prática por entender que, sendo ela trabalhada frente às Orientações Curriculares e aos Estudos Culturais, seja capaz de chegar mais próximo aos objetivos e metas apresentados pela escola em seu plano de ação. Apesar das boas expectativas, foram grandes as fissuras encontradas no fechamento do projeto. Assim, o relato enfatizará todos os dramas e tentativas, as conversas com o meu *par* e todos os erros e acertos que se tornaram presença durante o percurso.

Palavras chaves: educação física; práticas corporais; projeto lutas.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Atendendo a comunidade do Heliópolis, a escola EMEF Presidente Campos Salles, busca a partir do PEA (Cidadania uma questão de sobrevivência: Fase II) a interpretação de um bairro educador sem muros, bem como a construção da PAZ. Esta, no sentido de uma construção coletiva na busca por representatividade social e a formação de um cidadão crítico sobre si e sobre o mundo. O que de fato, se apresenta em consonância aos pressupostos teóricos dos estudos culturais pós-crítico da educação, especialmente da educação física escolar. Os roteiros de estudo são elaborados pelos professores, tendo em vista a articulação com toda a comunidade escolar, sob a supervisão da coordenação pedagógica e direção, levando-se em consideração: as orientações curriculares,

expectativas de aprendizagem propostas pela Secretaria Municipal de Educação, os saberes e necessidades da comunidade e a inclusão da escola no mundo e este na escola.

O tema do relato proposto é justificado quando me recordo do primeiro contato com o bairro, onde, uma professora ao adentrar na sala dos professores e após se apresentar, me ofereceu uma breve articulação do projeto e da escola: “Isto aqui é um hospício”. A cena, camuflada por diversos códigos, me trouxe a certeza de que eu teria muito trabalho dali para frente. Ingressei na rede, em meados do mês de maio, assumi a 4ª série do Ensino Fundamental I com três turmas, totalizando seis aulas semanais. O restante da carga horária, é realizada a partir da Complementação de Jornada (CJ).

Iniciei o projeto realizando um mapeamento das práticas de cultura corporal dos discentes no interior da escola no horário de entrada. Percebi que a cacunda (brincadeira de subir nas costas do outro e tentar derrubar o oponente) é realizada tanto pelos meninos quanto pelas meninas e que, ao seu término gerava alguma discussão entre eles. A inspetora da escola chamava-os a atenção ao dizer: *“Parem com isso! Vocês não percebem que isso machuca?”*.

Ao ter o meu primeiro contato com os alunos, a partir de uma roda de conversa, me apresentei e expliquei como iríamos trabalhar. Solicitei que eles trouxessem para as próximas aulas um caderno para a realização dos registros, pois este seria uma forma de análise e avaliação de nosso trabalho. Eles não entenderam nada e frases como: *“Prô, quando vamos brincar?”*; *“Nós não vamos fazer nada hoje?”* tornaram-se presentes a todo o momento. No final da conversa pedi para que eles praticassem o que estavam habituados, deixando-os livres com a intenção de ampliar o mapeamento inicial. Neste momento percebi a presença de práticas como funk, cacunda e capoeira.

Na aula seguinte, muitos dos alunos não trouxeram ou esqueceram o caderno para registro. Conversamos e decidimos que a forma de registro seria minha, através do diário de bordo, num primeiro momento. Este diário seria contemplado com os dizeres dos alunos, suas resistências, linguagens, aceitações, diferentes buscas, enfim, com tudo o que se produziria em aula.

Dando sequência a aula, dividi-los em grupos para realizarem as três práticas (funk, capoeira e cacunda). Escolhemos os alunos que iriam ensinar tudo o que sabiam sobre a prática para o grupo (três alunos e três grupos). Todos vivenciaram as três práticas. Em seguida, solicitei que eles respondessem algumas questões referentes às práticas vivenciadas.

FUNK	CACUNDA	CAPOEIRA
<p>Onde aprenderam? Com quem aprenderam? - “Nas escolas e com várias pessoas”. - “Na rua com minhas amigas”.</p> <p>Qual o nome dos movimentos? - “Joelho, bunda, requebra os pés”.</p> <p>Quais as dificuldades de execução? - “Nenhuma”. - “Ensinar para todas”.</p> <p>Quais os locais próprios para a prática? - “Num salão de dança”. - “No recreio e temos nosso cantinho”.</p> <p>O que vocês sabem sobre o que fizeram (passos, nomes, personagens, locais, etc.)? - “Passos: fáceis. Personagens: humanas. Locais: em casa e nas ruas”. - “Fizemos passos novos e requebramos”. - “Empinar a bunda para trás e por a mão no joelho e requebrar”.</p>	<p>Onde aprenderam? Com quem aprenderam? - “Na escola com o Ronald e os meninos”.</p> <p>Qual o nome dos movimentos? - “Andar, correr e pular”. - “Andar e subir nas costas”. - “Pode chutar e socar”.</p> <p>Quais as dificuldades de execução? - “Ter força”. - “Cair e se machucar”.</p> <p>Quais os locais próprios para a prática? - “Nas quadras ou gramas”. - “Na quadra, no quintal e na piscina”. - “Todo lugar que tenha grama ou colchão para não se machucar”.</p> <p>O que vocês sabem sobre o que fizeram (golpes, nomes, personagens, locais, etc.)? - “Muitos golpes”. - “Nós fizemos a cacunda”.</p>	<p>Onde aprenderam? Com quem aprenderam? - “Eu aprendi com meus amigos”. - “Na academia com o meu pai”. - “No cinefavela”.</p> <p>Qual o nome dos movimentos? - “Mata Leão, voadora, luta, rasteira, gingado”.</p> <p>Quais as dificuldades de execução? - “Nenhuma”. - “Abertura zero”.</p> <p>Quais os locais próprios para a prática? - “Nas aulas de Educação Física”. - “No polo”.</p> <p>O que vocês sabem sobre o que fizeram (golpes, nomes, personagens, locais, etc.)? - “O nome do meu professor é Wellintong e tem o Rubens também”.</p>

Terminamos a aula realizando em conjunto a cacunda, por ser a prática em que os alunos mais apresentaram afinidade, tendo em vista que, para eles, esta prática fora inventada lá. Apesar do bom andamento da aula, aqui, se faz necessários apresentar as resistências, linguagens e aceitações dos alunos.

Sobre a resistência, duas alunas me abordaram dizendo que eram “evangélicas” e que não poderiam realizar nenhuma atividade proposta em aula, pois, eram proibidas por suas mães. Pediram-me então, para ficarem sentadas apenas observando. Por não saber a melhor ação naquele momento, eu disse que tudo bem. Além delas, alguns meninos não quiseram realizar nada. Ficavam derrubando os alunos na prática da cacunda, ficavam brigando, dando risada das meninas que estavam dançando. Procurei um diálogo com eles, mas se sequer me ouviram. Acabei gritando em bom tom que se não quisessem participar tudo bem, mas que não iriam mais atrapalhar a andamento da aula e os alunos que queriam

participar. Eles ficaram em silêncio na hora, depois deram risada, mas não atrapalharam mais.

Sobre as linguagens, percebi alguns comentários:

- “Não vou ficar mexendo a bunda”.
- “Oh! Prô, ele disse que vai me matar”.
- “Eu não gosto disso professora, machuca e os meninos só ficam me xingando”.
- “Quando vamos jogar bola?”.
- “Isso não é Educação Física professora. Antes era melhor”.

Apesar dos comentários isolados, muitos aceitaram a proposta da aula e do projeto. Ressalto que, quando estão realizando as vivências, seja qual for, todos os alunos se soltam e interagem. Já quando a aula é baseada no diálogo, poucos participam. Os que se arriscam atuam com *autoritarismo*, acham que só eles sabem das coisas e não aceitam o que os outros dizem, negando seus saberes. Percebi isso a partir da fala: “*Você não sabe, não é assim*”. Por este motivo, sempre que necessário, interfiro dizendo que todos os saberes são aceitáveis em nosso projeto e em nossa escola. Assim, eles precisam saber conviver com a presença de outras vozes.

Preocupada com o andamento do projeto, entrei em contato com meu parceiro¹ a fim de um novo olhar, uma orientação. Para ele, o projeto deveria focar as brincadeiras de luta. Eu deveria começar com a cacunda e a partir daí, iria abrindo um leque de possibilidades a partir das coisas que os alunos fossem trazendo. Sobre as meninas evangélicas, ele me pediu para que eu lembrasse que a aula é direito de todos. Então, eu teria que criar situações de observação e análise para elas participarem. Sobre o menino Down (que vivo correndo atrás) era a mesma coisa, eu deveria segurá-lo comigo. Se ele escapar, eu deveria pedir para alguém da turma ir buscá-lo (sempre tem alguém que gosta de fazer isso). Deveria procurar entender sua linguagem e procurar realizar algumas atividades com ele de vez em quando.

A partir desta orientação, na aula seguinte levei para o conhecimento da turma diferentes formas de realizar a cacunda (corrida de cacunda, cavalo de guerra e guerra de galo na piscina), deixando-os intrigantes pela possibilidade. Vivenciamos estas práticas diversificadas e registramos como se jogava e quais eram suas regras. Durante a aula, um

¹ Professor Mário Luiz Ferrari Nunes, integrante do Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar da Faculdade de Educação da USP (GPEF).

dos alunos sugeriu que a turma montasse as regras da cacunda própria da escola. Sentamos, discutimos a proposta e montamos as regras da “Cacunda – EMEF Campos Salles”, que teria a intenção da participação coletiva.

REGRAS CACUNDA – EMEF CAMPOS SALLES

01. Não machucar o colega.
02. Não espancar o colega.
03. Pode dar murro, mas sem machucar.
04. Pode dar chute, mas sem machucar.
05. Não trapacear.
06. Não pode bater no rosto.
07. Quando cair não xingar o colega.
08. Brincar direito.
09. Não pode dar porrada.
10. Não pode socar a cabeça dos amigos.
11. Bater sem machucar.
12. Não importa quem perde, fique feliz pela pessoa que ganha.
13. Não pode puxar o cabelo.
14. Não pode dar rasteira.
15. Não brigar com o outro.
16. Respeitar o jogo.
17. Enquanto a pessoa não montar no outro não pode bater.
18. Sempre antes de começar a batalha, a pessoa diz quais são seus pontos fracos.

Após montarmos as regras, dividi a turma em grupos de 5 alunos, as duplas lutariam e um aluno ficaria responsável pelo cumprindo das regras estabelecidas. Assim, decidida à manifestação corporal, os alunos se prontificaram, ainda com certas resistências, a realizar o projeto lutas, o que, de alguma maneira me surpreendeu.

Para tanto, montei um plano de ensino e entreguei para a Coordenadora Pedagógica (CP) que aceitou e gostou do projeto. Segundo ela, eu me encaixo no projeto da escola, me dando total liberdade de produção. Assim, o objetivo para este projeto é a construção de conhecimentos sobre a cultura corporal de forma colaborativa a partir do tratamento e discussão das informações obtidas, além de, compreender, criar e adaptar tanto a forma quanto o conteúdo das manifestações da cultura corporal, recorrendo ao pré-requisito da participação de todos os componentes do grupo escola.

As expectativas de aprendizagem se debruçam em identificar, demonstrar e explicar as modalidades de luta (brincadeiras, jogos, artes marciais) presentes na comunidade; relacionar as lutas aos ambientes específicos de prática (espaço físico); identificar e discutir, buscando modificar as ações preconceituosas referentes às questões de gênero, idade e biotipo presentes nas lutas e nas atividades vivenciadas nas aulas, mediante vivências corporais; elaborar formas de registro a partir das vivências.

As ações serão desenvolvidas com a análise de vídeo, leitura e interpretação de texto, roda de conversa e prática. As avaliações serão feitas através do diário de bordo, leituras e interpretações realizadas pelos alunos em espaços alternativos e algo mais que seja necessário a partir do andamento deste projeto, buscando sempre a ressignificação, o aprofundamento e a ampliação do conhecimento sobre a prática corporal.

Dando sequência, realizamos uma filmagem dos discentes realizando a prática da cacunda, onde surgiram algumas brincadeiras como a melissinha, 10/20, guerra de dedo, lutas no solo (com movimentos do judô, capoeira e outros que não pude identificar). No final da aula, realizamos uma roda de conversa sobre o que os alunos haviam achado da proposta, quais suas dificuldades, suas sensações, etc.:

- *“Apesar de eu ter me machucado, eu gostei”.*
- *“Ah! Hoje foi legal. Foi melhor que a aula passada”.*
- *“Foi legal, tirando a hora que os meninos e as meninas ficaram fazendo bagunça e atrapalhando a aula”.*
- *“Professora, quando eu pedi para ele parar ele não parou e eu me machuquei”.*

Foi percebido na aula que apesar da resistência inicial dos meninos com relação às meninas, no decorrer da prática, eles realizaram lutas mistas, movimentos individuais, em grupo, lutas entre meninos, entre meninas, tendo muitas variações.

Na aula seguinte, montei um vídeo contendo as diferenças de cacunda apresentada inicialmente para os alunos, a filmagem que fizemos na aula anterior, uma luta profissional masculina e feminina. Juntamente com o vídeo, levei uma reportagem da briga entre os lutadores Vitor Belfort x Wanderlei Silva durante o reality Show The Ultimate Fighter. Montei algumas questões a fim de debatermos no final da aula. Esta apresentação foi feita na sala de vídeo. Durante o andamento do vídeo, percebi algumas falas:

- *“Eles batem de verdade”.*
- *“Olha professora, o cacunda”.*
- *“Eita! Olha o soco que a mulher deu”.*
- *“Aqui na escola é diferente”*

Após a análise do vídeo, discutimos as práticas apresentadas pelos alunos, à diferença entre luta x briga, a presença da mulher neste esporte (os alunos não reconheciam que as mulheres também lutavam) e as questões referentes à reportagem. Segue algumas respostas:

01. Para você, qual a diferença entre luta e briga? Neste caso, o que foi luta e o que foi briga?

- *“A briga é quando você tem raiva de uma pessoa”.*
- *“Luta é uma luta entre 2 oponentes, foi entre o Gasparzinho e o Jason. A briga foi entre os dois técnicos da equipe verde e azul”.*
- *“Pra mim a luta é uma de quem vence, mas no caso a luta é uma profissão. No caso, a luta é uma coisa que aprende a ter paz”.*
- *“A luta na minha opinião, é um esporte que gera acidentes. Já na briga eles fazem violência porque eles querem”.*
- *“Para mim, luta e briga é a mesma coisa. Mas eu consegui achar uma diferença. A luta é entre duas pessoas e quando eu estou lutando na educação física eu não uso nada só as minhas mãos e meus golpes. E briga é luta livre, pode pedra e pode xingar. Na luta tem regras e na briga não”.*
- *“Luta é dois jogadores que se determinam a ganhar. E briga são dois conflitos que não se concordam. A luta foi entre o Jason e Gasparzinho que não queriam se enfrentar. E a briga foi entre Vitor e Wanderlei que não concordavam com a luta”.*

02. O que você entende por “RESPEITO DE HOMEM” e “EXEMPLO DE ESPORTIVIDADE”?

- *“O exemplo de homem é um homem desceite. Um exemplo de esportividade é esporte emocionante”.*
- *“Respeito de homem é quando um homem respeita o outro homem e exemplo de esportividade eu não entendo nada”.*
- *“Respeito de homem é ser corajoso e respeito de esportividade é ser esportivo e não desistir de nada”.*
- *“É mais forte, espanca nós. Obriga a limpar a casa e fazer comida”.*
- *“Eu não consigo entender”.*
- *“Homem ele diversas vezes arruma confusão. Um exemplo pra mim de esportividade é quando alguém faz aquilo com dignidade”.*

03. Esta confusão se deu nas quartas de finais do Peso pena. Há outras categorias no UFC? Quais?

- *“São peso pena, médio e pesado”.*
- *“Não tem outras categorias”.*
- *“O UFC não tem um ranking oficial. Os desafiantes buscam o título”.*

04. A mulher pode participar do UFC? Você sabe explicar o porquê elas não aparecem nas lutas e treinos? Em qual momento a mulher é vista no vídeo?

- *“Sim. Não dão muito valor na luta entre mulheres. E só aparecem nas finais ou nas apresentações”.*
- *“A mulher não pode participar do UFC. Elas não participam porque UFC é uma luta muito forte para elas. No momento quando acaba o round elas passam com uma placa do próximo round”.*
- *“Sim. Eu não sei explicar. Ela é vista quando começa a luta”.*
- *“Porque mulher não luta. Este não é um esporte adequado para mulher”.*
- *“A mulher não pode participar do UFC porque eles falam que UFC é muito pesado para as mulheres. Ela é vista em outros tipos de lutas e no UFC a mulher só aparece segurando a placa”.*

05. Qual a relação que você faz com os movimentos praticados nas aulas de Educação Física e os movimentos apresentados no UFC?

- *“A relação é os chutes, chave de braço e queda no chão”.*
- *“Pulando corda e movimento das mãos e pernas”.*
- *“A diferença é que no UFC a luta é com chutes pesados no rosto e socos e murros”.*
- *“Ambos são exercícios praticados”.*
- *“Os movimentos no UFC são mais fortes e os movimentos da escola são mais delicados”.*

- “Minha relação com os movimentos é muito bom. Eu adoro o UFC”.

Apesar das respostas, os alunos boicotaram a proposta da aula. Não aprovaram, queriam ir para quadra vivenciar as lutas, igual à aula passada. Os poucos que se prontificaram tiveram muita dificuldade em entender o texto e fazer uma relação do vídeo com as aulas. Por fim, muitos se recusaram a fazerem a atividade e eu não soube como me portar frente à situação.

Na aula seguinte, na quadra, pedi para que eles se dividissem em grupos e tentassem reproduzir, a sua maneira, um movimento que eles haviam observado no vídeo apresentado na aula anterior. Estes deveriam ser diferentes dos movimentos que eles já haviam feito em aula. Após a vivência, alguns alunos (os que se dispõem) explicaram como se realizava o movimento e a turma realizou. Aqui, percebi que todos ficaram empolgados com o aparecimento de diversos movimentos. Tive a ideia então, de perguntar se eles gostariam de realizar uma competição (formularíamos nas próximas aulas) e todos concordaram.

Apesar da expectativa positiva dos alunos, ao analisar o projeto e seu andamento percebi que muitas coisas não estavam condizentes com os referenciais teóricos. Percebi que eu estava completamente perdida. Novamente entrei em contato com o meu par, expliquei o que havia ocorrido e o drama pessoal que eu estava passando naquele momento. Eu não sabia por onde seguir. Com medo, todas as leituras, os debates sobre metodologia, sobre a prática e afins realizadas durante os encontros no GPEF pareciam não fazerem nenhum sentido. O que muito me preocupava.

Apesar do conforto de sua presença, suas palavras me desestabilizaram:

“Lembre-se! Você está construindo uma cultura de EF. Então vá devagar. Os alunos ainda não entenderam seu trabalho, mesmo você explicando [...] pra mim o vídeo foi bom, mas as questões foram distantes do que eles podem ler. Se fosse você, teria ficado só na leitura das técnicas e de modo oral [...] esse debate poderia ser bagunçado, deixando eles falarem deles mesmos. Veja a armadilha que você fez, filmou eles pra falar de outras coisas. Por isso te boicotaram. Em suma, você conduziu o trabalho pra onde queria e não foi pra onde eles indicaram (contragolpe social) [...] Danou! Eles já estavam em competição, pois o que faziam era um combate. E agora, vai tematizar as competições de luta? Volte pra brincadeiras, só que vai ter que fazer uma pseudocompetição e lhe dar com os problemas dela [...] Todo tema tem tempo de vida. Não o abandone por pressão, mas o encerre quando você não souber o que promover para eles lerem melhor o que fazem. Há várias opções para você ampliar esse trabalho, inclusive se eles sacarem que o rolinho porrada é uma brincadeira de luta”.

Tendo em vista as orientações acima e pensando sobre a “pseudocompetição e o lidar com seus problemas” resolvi abortar a tentativa por entender que, estes problemas, poderiam se tornar a causa real do encerramento precoce do projeto. Assim, na aula

seguinte, partilhei com a turma que não poderíamos realizar a competição pelo fato deles não conseguirem distinguir a diferença entre luta e briga. Em outros espaços (entrada, saída, intervalo, corredores, pátio, etc.) eles estavam brigando e gerando diversos conflitos. O que nos impedia de seguir com o combinado.

Seguimos a aula direcionando nosso foco para as brincadeiras de luta. Levei cordas e bolas e expliquei duas brincadeiras para a turma: o cabo de guerra e o rolinho porrada. Inicialmente, a turma realizou o cabo de guerra em conjunto, em duplas e grupos mistos. Em seguida, os alunos começaram a se espalhar pela quadra realizando o cabo de guerra, outros o rolinho porrada, outros o cacunda e os demais começaram a pular corda. Enfim, uma bagunça total que não consegui controlar. Recordo que vivenciamos diversas brincadeiras sem realizar nenhuma leitura e/ou interpretação. No final da bagunça, decidimos que na próxima aula os alunos trariam brincadeiras de seu cotidiano com aspectos das lutas. A fala marcante da aula foi:

- *“Ah Professora! Tudo com luta dói. Podemos fazer outra brincadeira?”.*

Voltando ao contato com meu par:

- *“Pelo o que eu entendi você está moralizando eles. O que tem a ver o que fazem fora da sua aula com o que acontece dentro? Não disse para abortar a competição, disse que poderia gerar problemas. Deveria ter seguido em frente, pois foi o combinado. Eles podem achar que você é volúvel, insegura [...] toda prática tem que ser sujeitada a leitura. Esgotasse o cabo de guerra para ir pro rolinho porrada [...] só as brincadeiras de contusão, as de equilíbrio e imobilização não? [...] Como digo sempre, até o mapeamento todos vão. Depois... Penso que você está se enrolando a cada dia. Mas, a questão não será solucionada se você não tiver convicção da função da escola e da EF. Além, é claro de dominar de algum modo referencial teórico que sustenta a sua prática [...] Você não está lá para agradá-los. Esta lá para desestabilizá-los e dar ferramentas para reinventarem o mundo que vivem. Penso que você deve voltar as leituras e tentar analisar sua prática com elas”.*

A partir dos dizeres acima, utilizei duas aulas da turma para realizar os ensaios para o “Festival da Paz”, evento que antecederia a “14ª Caminhada da Paz²” a fim de ganhar tempo para os estudos necessários. Debrucei-me neste período nas leituras de Corazza (1997), Neira e Nunes (2009), no PEA da escola e nas Orientações Curriculares.

Sabendo que o planejamento é algo imprescindível para o bom andamento do projeto (algo que eu não havia feito anteriormente) e na tentativa de incorporar o projeto

² Caminhada criada em protesto pela morte fútil de uma aluna da escola no ano de 1998.

junto à perspectiva cultural da educação física, dividi a manifestação cultural lutas em subtemas (CORAZZA, 1997) como forma de permitir o produzir de conjuntos diferenciados de atividades, o que impede a rotina e a repetição.

Sob a perspectiva cultural da educação física, os conteúdos a serem aprendidos advirão da problematização apresentada pelas atividades de ensino, desde que se leve em conta o esforço do grupo para sanar as dúvidas que surjam diante de um fenômeno ainda não compreendido (NEIRA, NUNES, p 38. 2009).

Após montar o planejamento, o enviei para meu par, que, com alegria, me conferiu as seguintes palavras:

- *“Nossaaaa! Como diriam Tom e Vinícius: se todos fossem iguais a você, que maravilha viver [...] Pois é professora, o que relata é o que quer dizer dar aula é foda! Só que cada um vai aprendendo ao seu tempo. Parece que você aprendeu bem cedo que sem plano “não se vai à guerra”, certo? E o que passou é o que eu quis dizer com “você é quem vai fazer” e eu palpitar. E como palpite, o que eu posso dizer é que agora eu não tenho nada a dizer, a não ser que o que esta no papel é o que te orienta, mais não quer dizer que resolverá suas aflições, pois as crianças escapam, sempre! Certo? Vamos ver agora se você vai ler as aulas. Pois isso é aprendido todos os dias. Será a partir das suas leituras que as problematizações ocorrerão e a aula caminhará mais próxima deles”.*

Confiante, montei um planejamento de ações a serem realizadas a partir de temas geradores.

SOCIALIZAÇÃO DE SABERES CULTURAL

- Apresentação das brincadeiras de luta e vivência;
- Filmagens das vivências das brincadeiras apresentadas inicialmente pelos alunos;
- Comparação das vivências e luta profissional (filmagem produzida);
- Diferença de briga x luta;
- Discussão sobre a presença da mulher durante o vídeo.

Tema abordado durante as aulas que antecederam a realização do planejamento.

FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E PRÁTICA

- Leitura dos componentes que caracterizam a luta: imobilização, contusão e desequilíbrio;
- Levantamento das brincadeiras de imobilização, contusão e desequilíbrio;
- Organização por categoria, vivência e leitura das brincadeiras apresentadas;
- Roda de conversa: Dificuldades; técnicas; estratégias; desgaste; diferenças físicas quanto ao esforço e ao rendimento;
- Roda de conversa: Como faz para derrubar o colega; como evitar para não cair; com quem teve mais facilidade e dificuldade; há movimentos similares em outras lutas; como se sente ao perder e ganhar;
- Comparações a cerca do que possam inventar e vivenciar durante o percurso.

Voltando as aulas após a apresentação no festival e a participação na caminhada da paz, levei para quadra três cartolinas e comecei a preencher com as coisas que os alunos achavam que seriam as características das lutas: imobilização, contusão e desequilíbrio.

IMOBILIZAÇÃO	CONTUSÃO	DESEQUILÍBRIO
Chave de Braço	Chute	Rasteira
Mata Leão	Dor	Empurrar
Triângulo	Soco e murro	Pisar no pé
Lutinha no solo	Voadora	Cair
Sem movimento	Bicuda	Sem controlar o corpo
Sufocado	Quebrar perna e braço	Sem equilíbrio
Enforcar	Tapa	Sem força
Desmaiar	Puxar o cabelo	Sem posição
Falta de ar	Fratura	
Sem movimento	Machucado	
Imobilizado	Lesão	
Sem posição	Golpes	
Sem espaço	Defesa	

Após o registro, expliquei cada característica usando exemplos de brincadeiras (rolinho porrada, guerra de dedos, cacunda) presentes no caminhar do projeto.

Na prática, vivenciamos novamente, a fim de fazermos uma leitura, a brincadeira cabo de guerra que tem por característica o desequilíbrio. Realizamos de vários formatos (dupla, trio, em grupo, meninas x meninas, duplas mistas). Alguns alunos sentiram dificuldades em brincar porque machucava a mão. Discutimos que isso poderia ser evitado com o uso de luvas (mas ninguém se dispôs a trazer num próximo momento). No final da aula discutimos que a prática há tempos atrás fez parte dos Jogos Olímpicos e que hoje não faz mais, tentando aprofundar nas questões sociais e históricas da prática.

Na aula seguinte realizamos a categorização de brincadeiras de acordo com as características das lutas:

IMOBILIZAÇÃO	CONTUSÃO	DESEQUILÍBRIO
Movimentos: Chave de braço	Rolinho porrada	Cacunda
Guerra de dedo	Queimada	Brincadeiras de corda
Queda de braço	Quebra osso	Guerra de galo
Pega Pega espelho	Lasca cebola	Queda de braço
	1,2,3 corta	10/20
	Brincadeira do Ai	Amarelinha
		Cabo de guerra

Para a vivência escolheríamos uma brincadeira com característica de contusão. Os alunos, a partir do emaranhado de brincadeiras categorizadas, decidiram que a queimada

seria a prática a ser lida. Realizamos suas interpretações a partir das regras estabelecidas em grupo (roda de conversa inicial) configuramos as formas de queimar, estabelecemos as partes do corpo que não queimam (cabeça e palma da mão), a primeira bola do morto se poderia ou não queimar, se o morto poderia andar por toda a extensão da quadra. Assim, diversas formas de jogar surgiram. Constatamos então que, a forma de jogar varia do lugar e da condição cultural a qual estamos inseridos. Sobre o desgaste físico presente durante e após a prática, percebemos que para esta brincadeira exige-se um esforço cardiovascular maior se comparada a outras.

Na aula seguinte, os alunos decidiram vivenciar a prática queda de braço tendo por característica a imobilização. Estabelecemos as questões do jogo nos referindo à ação que desqualificaria o oponente (levantar o cotovelo) e as formas da pegada das mãos (entrelaçada, compacta, etc.). Sobre as questões biológicas, os alunos sentiram que para esta prática o esforço físico se pautava na condição de força. Os mais fortes acabavam ganhando, e os mais fortes nem sempre eram os meninos. O que de certa forma, embarcou a presença maciça das meninas. Elas e eles realizam grandes disputas. Alguns alunos até contavam com torcida.

No final da aula, os alunos sentiram grandes diferenças ao serem questionados sobre as práticas anteriores. Perceberam que a luta é um composto de técnicas, condições físicas e que nem sempre o mais ágil, o mais forte, o maior é o vencedor. Sobre ganhar ou perder eles puderam identificar que numa escola que se baseia na construção de um bairro educador a partir da construção da cultura de paz, a luta para eles é por representatividade social. É a luta, segundo uma aluna *“para que mais meninas não morram por coisas banais”*.

HISTORIA

- Luta X Arte Marcial;
- Seleção de uma luta presente na comunidade;
- Historicizar a prática – reconhecer contexto social, político e histórico;
- Diálogo sobre quem são seus participantes bem como suas formas de representação social.

Numa das aulas anteriores, uma aluna trouxe-me um texto sobre a roda de capoeira que descrevia como os capoeiristas realizavam a roda, seu ritmo (palmas, berimbau e canto), a ginga e os movimentos básicos. Tendo em vista que esta prática já havia se tornado presença no início do projeto, achei propício para este momento entrar no contexto histórico da capoeira.

Antes, pesquisei sua origem, suas músicas e quais eram seus praticantes, a fim de iniciar um diálogo com os alunos. Baixei também diversas músicas de capoeira para que

podéssemos ouvir e realizar a roda de capoeira a partir do que os alunos soubessem. Há de se relatar que no polo da escola tem um grupo de capoeira e que diversos alunos fizeram ou ainda fazem parte deste grupo. Assim, na aula seguinte, realizaríamos uma roda de conversa sobre a manifestação.

Iniciei a conversa perguntando se os alunos sabiam a diferença ente a arte marcial e a luta. Obtive apenas duas falas: “*A luta é briga, a arte marcial não professora*”; “*É tudo a mesma coisa né professora?*”. Então, voltei ao conceito anterior de briga x luta e argumentei as diferenças entre a arte marcial e a luta. Expliquei que alguns autores entendiam a manifestação capoeira como sendo uma arte marcial, já outros, entendiam como sendo uma luta. Seguindo, questionei se eles sabiam algo sobre o que era a capoeira e sua origem.

- “*Veio da África professora*”.
- “*Não! É da Bahia*”.
- “*É macumba (risos)*”.
- “*É uma luta. Também tem berimbau, tambor e pandeiro para fazer a música*”.
- “*Eu sei que os escravos lutavam capoeira para se defenderem. O mestre Didi explicou isso pra gente*”.

Expliquei aos alunos que a manifestação era de origem africana e que, aqui no Brasil, inicialmente fora praticada pelos escravos como forma de dança e luta para que não fossem reconhecidos por seus donos. Também utilizavam a prática como proteção e manutenção das tradições culturais, as heranças de seu povo.

Os alunos também discutiram sobre a relação da prática com a *macumba* e entraram num consenso de que a capoeira não era uma religião, mas sim uma manifestação e que possivelmente alguns de seus participantes pertenciam a determinados tipos de crenças, mas que não vinha apenas da capoeira e sim de outras concepções. Ainda, um aluno nos explicou que a batucada vinha das tradições culturais africanas. Assim, os alunos entenderam que não era pecado nenhum, as alunas evangélicas participarem da aula.

Na prática, vivenciamos alguns movimentos básicos e conhecidos pelos alunos como a estrelinha, rasteira, ponte e a ginga. Após os movimentos, realizamos uma roda e ouvimos uma música de capoeira que contava a história de seu povo, suas tradições, lutas e esperanças. Realizamos a roda de capoeira com a luta entre dois alunos, perguntei como era sabido o final da luta e como um novo oponente entrava na roda. Ficou claro que para entrar era preciso interromper e cumprimentar o oponente e para encerrar era feito o cumprimento entre os praticantes. Algumas resistências apareceram:

- *“Professora isso é para os meninos. Eles vão me machucar”.*
- *“Eu não quero fazer isso. Eu não gosto de capoeira”.*
- *“Hoje vai ser só isso? Posso subir para o salão?”.*

Após as falas, argumentei que a prática não era só para a classe masculina e que as meninas poderiam e praticavam a capoeira. Disse que na escola elas não precisam realizar os movimentos que as pessoas denominam como sendo corretos. Na escola e em outros espaços elas poderiam realizar a capoeira que elas reconhecem, pois ainda sim, seria a capoeira. Nesta troca, algumas alunas corajosamente iniciaram sua participação na aula.

Para próxima aula decidimos elaborar um roteiro orientado, pois entrevistariamos o capoeirista Didi (entrei em contato anteriormente e ele se dispôs). Seria o fechamento das vivências do projeto.

ROTEIRO COLETIVO ORIENTADO

- Aula demonstrativa e roda de conversa com alunos matriculados em outras turmas da EMEF Presidente Campos Salles.

Realizamos conjuntamente um roteiro durante a aula seguinte e estávamos a esperar a presença do capoeirista Didi, que não apareceu e não apresentou nenhuma justificativa. Assim, reuni os alunos, disse sobre a ausência do capoeirista e que terminariamos então nosso projeto a partir de nossa própria roda de capoeira. Os alunos concordaram e se prontificaram cobrar a ausência do representante durante seus encontros no polo da escola. Tentei entrar em contato novamente com ele, mas sem sucesso.

PRODUÇÃO CULTURAL

- Produção artística sobre o que vivenciou, buscou, aprendeu etc. durante o projeto.

Durante uma das reuniões do PEA onde os docentes estavam discutindo sobre a realização do provão na instituição, como seria, forma de correção, menção de notas, datas e afins, houve duas professoras (de informática e artes) manifestando a possibilidade de certas áreas como a educação física, artes, informática e inglês fazerem parte da avaliação. Após votação, conseguiram esta importante conquista, ao qual, é vista pelo corpo docente, como sendo uma abertura capaz de novos diálogos.

A partir daí, selecionei três questões dissertativas a serem utilizadas como forma de avaliação juntamente com as leituras e interpretações presentes neste caminho e o

diário de bordo produzido. Para a produção cultural e fechamento do projeto, selecionei algumas respostas sobre o que os alunos compreenderam durante o percurso do projeto lutas.

Explique o que você entendeu durante o percurso do “projeto lutas”.

- *“Eu aprendi que a luta não é só para meninos, é para meninas também”.*
- *“Luta é um esporte violento”.*
- *“Eu entendi que devemos entender mais sobre o projeto de lutas”.*
- *“Eu entendi que o UFC as mulheres não podem lutar. E aprendi o que é imobilização, contusão e desequilíbrio. E eu também aprendi alguns golpes de luta”.*
- *“Fizemos regras para não se machucar, brincamos muito e mais ainda devemos ter mais solidariedade, respeito e autonomia”.*
- *“Muitas pessoas acham que a luta só serve para machucar mais não é verdade. Eu adoro a luta agora”.*
- *“Eu descobri que luta é uma coisa e arte marcial é outra”.*
- *“Eu entendi que brincar é bom”.*
- *“Eu entendi sobre a capoeira, sobre os movimentos, sobre a luta como ela deve ser feita e sobre tudo que envolve as lutas”.*
- *“Eu entendi que a luta não precisa ser séria, pode brincar”.*
- *“Cada luta tem um estilo e uma história”.*
- *“A luta não é só chute e murro na pessoa. Tem coisas na luta que eu não sabia e agora eu sei por causa do projeto”.*
- *“Eu entendi que esse projeto luta foi uma coisa muito bonita que a professora Aline ajudou nós a entender a luta. E foi muito legal esse momento com a professora”.*
- *“Eu não entendi nada”.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente deixo claro que este relato não teve a intenção de apresentar a maneira correta de ministrar aulas e/ou como realizar um projeto de lutas, mas sim, apresentar todos os dramas, os sofrimentos, as fissuras, os deslizos e a busca pela construção de uma cultura de educação física. Algo difícil, onde muitos escaparam.

Diversas fissuras foram encontradas, entre elas: a tentativa de normalizar as crianças; a presença de diversas atividades ao mesmo tempo sem nenhuma leitura, interpretação e análise crítica; a preocupação em saber se os alunos estavam gostando ou não da aula (o que aparenta receio, vulnerabilidade, insegurança aos discentes); a falta de problematização das aulas; e o esquecimento da ação social da educação física, ao qual, deve facilitar a compreensão a partir das leituras dos gestos presentes nas práticas corporais para a produção de novas práticas (escritura).

Entretanto, nem tudo foi em vão. No momento em que os alunos montaram suas próprias regras do cacunda e da queimada buscando a participação coletiva, eles

compreendem que a forma de jogar varia do lugar e da condição cultural a qual estão inseridos. O que, de certa forma, é uma resignificação da prática.

Aprofundamos o tema capoeira no momento em que discutimos a posição deste sujeito, sua cultura, história, luta e condição social. Apesar da discussão, fica claro que esta ação de aprofundamento é mais uma fissura no projeto, que necessita de uma maior análise crítica.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CORAZZA, S. M. Planejamento de Ensino como Estratégia de Política Cultural. *In*: MOREIRA, A. F. B. (org.). **Currículo: Questões Atuais**. Campinas: Papirus. 1997.

_____. NUNES, M. L. F. (Orgs). **Praticando Estudos Culturais na Educação Física**. São Caetano do Sul, SP: Yendis. 2009.

EDUCAÇÃO, S. M. Orientações curriculares e proposições de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: **Educação Física**. Secretaria Municipal de Educação. São Paulo: SME/DOT. 2007.

_____. Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II: **caderno de orientação didática de Educação Física**. Secretaria Municipal de Educação. São Paulo: SME/DOT. 2007.